



DELICADAMENTE AZUL, COMO A PORCELANA DE DELFT

Antonia Cristina de Alencar Pires*

“esta é nossa condição, enquanto,
sem condição, transitamos”
Carlos Drummond de Andrade, *Convívio*

Na cidade das torres e dos cristais tentávamos recuperar os roteiros da vida do homem franzino e misterioso. Um homem que ardia em febre. Febre que trazia um frio que nenhuma capa aquecia. Febre que provocava sangüíneos espasmos. Nós tentávamos reencontrar o homem que parecia uma sombra, um sonho. Mas era inútil buscá-lo. Ele era neblina, desenho riscado à giz.

No país da mais delicada porcelana, nos escondemos numa pequena loja de chocolates. Eu enfié nos bolsos do casaco alguns pedaços de chocolate amargo para comê-los com café forte. Alguém nos perseguia. Alguém sem rosto, sem nome.

O pavor da perseguição nos consumia. Éramos fugitivos. Talvez houvéssemos praticado algum delito. Qual, se também não tínhamos rosto nem nome?

Finalmente alcançamos a ponte estreita e muito antiga sobre o riacho. Do outro lado estávamos a salvo. (No outro lado há sempre uma promessa de salvação). Quando chegamos a uma pequena praça, vi que os cabelos dele estavam grisalhos e no meu rosto as marcas acentuaram-se. Havíamos atravessado o tempo. No transe onírico envelhecíamos juntos. Lembro ainda que havia um fio dourado contornando sua silhueta. Ao seu redor tudo resplandecia. Seria isto o que chamam de aura?

Todas essas coisas giravam em minha mente como um filme no projetor. Trancada no quarto, em meio aos cheiros de álcool, talco e pomadas, sabia que em algum lugar, ficaria a vida.

* Antonia Cristina de Alencar Pires estudou na Universidade Federal de Minas Gerais, onde se graduou em Biblioteconomia e fez Mestrado em Literatura Brasileira e Doutorado em Literatura Comparada. Publicou vários artigos em periódicos especializados em Estudos Literários. Publicou também um livro de poemas intitulado *A margem do espelho* e outros poemas dispersos em coletâneas. Já obteve alguns prêmios em concursos literários pelo país. Lecionou, como bolsista recém-doutora, Teoria da Literatura e Cultura Brasileira no Instituto de Letras da UERJ. Atualmente trabalha no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG e é mãe de Camila, uma bela garota de 12 anos, sua história mais bonita. antonia.pires@iepha.mg.gov.br

Talvez na fronteira onde abandonei tudo que sempre pensei ser. De fato nunca fui nada. Era uma invenção de mim mesma.

Na escuridão compunha versos, longos poemas. E pensava numa azulada tela de cinema. Sempre cismei que alguns filmes são azulados. Uma vez disse que *Sonata de Outono* era um filme azul. Ninguém entendeu nada. As caras de espanto eram um modo silencioso de perguntar onde eu havia buscado aquela idéia. Sempre cismei também de mudar o roteiro de alguns filmes. Fazer Ingrid Bergman desistir de entrar naquele avião e passar o resto de seus dias em Casablanca. Ou fazer com que Mina desse a mão a Vlad e com ele mergulhasse na eternidade dos Cárpatos. Queria mudar outros filmes. O filme da vida daquele menino magrinho, que carregava uma enorme cesta de balas e bombons para vender nos cinemas, e, de quebra, via filmes de *comboy* e pornochanchadas dos anos setenta.

Desejava mudar o roteiro de seu filme, cortar certos *takes*, escolher os figurinos, excluir alguns personagens. Só não mudaria o cenário. Ele haveria de ser sempre o mesmo. Ainda que a câmara em *travelling* percorresse Lisboa, Madrid, Praga, Salvador, Recife ou mesmo a Rua de Matacavalos da infância de Bentinho e Capitu, ainda assim... O cenário haveria de ser sempre aquela cidade que se recusou a ser barroca, na aparência, mas que em essência é memória da travessia de aventureiros imbuídos de fé e de pecado. Mas o menino magrinho – que não gostava de doces (e só depois de sua partida é que descobri por que) – acreditava ser impossível mudar os roteiros. Talvez tivesse razão. Jamais conseguirei mudar *Em algum lugar do passado*, *Todas as manhãs do mundo* ou *Luzes da ribalta*. Sou impotente para modificar o filme de sua vida. Tudo já estava escrito.

Na cidade de torres e dos cristais, tentávamos percorrer os caminhos do homem franzino e misterioso. Aquele que nos ensinou que, de qualquer modo, somos apenas sombra, sonho.